

Neoliberalismo, Renovação Carismática Católica e Juventude

André de Melo Santos

Os noticiários falam prioritariamente do problema da crise econômica de 2008 que ainda hoje repercute no mundo inteiro. Contudo, alguns autores tal como Eaton (1965), enfatizam que o capitalismo alterna momentos de crescimento e crise. Segundo esse autor, a própria necessidade do sistema de manter a reprodução ampliada do capital gera essas crises. Falamos de crise econômica, mas que isso tem a ver com os temas do nosso artigo? Partindo da ideia que uma realidade deve ser analisada na sua totalidade e a partir dela buscar os casos particulares, desta forma, nosso texto busca as relações que influenciam o crescimento do fenômeno religioso. Assim assistimos nos anos 90, segundo Mariano, um espetacular crescimento das Igrejas Evangélicas com o discurso da teologia da prosperidade que abalaram o monopólio religioso exercido pela Igreja Católica. Surgido anteriormente, mas que no mesmo período começa a se destacar dentro do catolicismo, a Renovação Carismática com elementos semelhantes aos das Igrejas Evangélicas começa a se destacar dentro do catolicismo e faz com que a tendência de queda do número de fieis diminua. Em um artigo anterior (Santos 2011) dedicamos atenção ao surgimento e crescimento da Renovação Carismática, por isso há o risco de repetirmos algumas ideias contidas no artigo anterior.

Porém, o foco desse artigo, embora resgate algumas ideias já debatidas, é analisar a importância que as Igrejas tanto Católicas como Neopentecostais dão à questão da juventude. Chega a ser intrigante como que existem grupos de oração, retiros espirituais, festas, enfim, toda uma programação voltada para os jovens, como se eles fossem o grupo mais importante dessas Igrejas ou, o que elas dedicam maior atenção. Isso nos conduziu a um debate sociológico sobre a juventude e seu papel na sociedade, no sentido de se preparar para assumir o papel de adulto, segundo os valores dominantes, ou não aceitá-los e questionar as instituições e o papel do jovem na sociedade.

Iniciaremos o artigo com o debate que julgamos ser essencial, o debate sobre a situação da sociedade atual, e como o regime de acumulação integral, e um de seus pilares ou aspectos constituintes, o estado neoliberal, tem um impacto no desenvolvimento de crise na sociedade. Dito isto, faremos uma discussão sobre o papel que a religião exerce na sociedade, no caso do ocidente, o cristianismo, e que

característica o fez perdurar por tanto tempo. Por fim chegaremos a uma forma específica de cristianismo, o Catolicismo, e uma forma específica deste, a Renovação Carismática, para chegarmos ao debate envolvendo juventude e religião, onde faremos nossas observações finais.

O capitalismo é um sistema que se baseia na extração da mais valia, ou seja, o capitalista se apropria do excedente do trabalho produzido pelo trabalhador, isso coloca em polos opostos a burguesia e o proletariado. Esse processo denominado luta de classes, assume várias fases no desenvolvimento do capitalismo e essas fases que Viana (2009) denominou regimes de acumulação, é constituído por uma determinada forma de extração de mais valor, uma determinada forma estatal e uma determinada forma de relações internacionais.

No fim da primeira metade do século XX tivemos o regime intensivo-extensivo, que se baseava num modelo de produção, o fordismo, e numa forma de Estado o de Bem Estar Social, nos países centrais. Esse regime permitiu ao capitalismo uma estabilidade segundo Harvey (1992), Viana (2009). Contudo este entrou em crise por volta da década de 1960. A crise do regime de acumulação possui três aspectos fundamentais: forma de extração de mais-valor, forma estatal e forma de relações internacionais. Desta crise emergiu o regime de acumulação integral que em linhas gerais se baseia no modelo japonês ou toyotismo de produção, perda do emprego central abrindo espaço para terceirização, subcontratação, gerando insegurança na classe trabalhadora. A emergência do Estado Neoliberal, que se caracteriza pela ideologia¹ do estado mínimo, no qual este deve se abster de intervir em grande escala na economia. Consequentemente, o regime de acumulação integral segundo Viana (2009) aumentou a concentração de riqueza, junto com o aumento da miséria, fome além de gerar um quadro de insegurança na população em relação ao futuro.

Como resultado vemos o surgimento de movimentos contestatórios no mundo afora, recentemente tivemos revoltas na Grécia, Itália, nos países do oriente médio e outros. Paralelamente a esses movimentos contestatórios, emergem vários tipos de respostas e de alternativas a essa crise, não é nosso objetivo discutir essas várias alternativas e vamos focar na resposta que as igrejas cristãs e mais especificamente o que o movimento denominado Renovação Carismática apresenta.

¹Ideologia no sentido de falsa consciência, como Marx coloca na Ideologia Alemã (MARX E ENGELS, 2002).

A Renovação Carismática, segundo Sofiati (2012), é um movimento que em muitos aspectos se assemelha ao movimento evangélico neopentecostal. Em um artigo publicado no ano passado (Santos, 2011) também defende essa ideia, visto a semelhança dos dois movimentos e da necessidade da igreja católica fazer oposição diante do crescimento das igrejas evangélicas, isso fica evidente. Contudo, o que nos interessa aqui são as razões do crescimento religioso e quais as causas que geram isso. Para isso nos basearemos no psicanalista Erich Fromm sobre o surgimento do cristianismo primitivo e sua evolução.

Segundo Fromm, a função sociopsicológica da religião é controlar e oferecer conforto espiritual para as massas fazendo que estas aceitem sua condição de exploradas e de provocar uma atitude passiva diante dos donos do poder, servindo à manutenção do sistema. Como que as massas numa condição de explorado não se revolta contra essa situação? Segundo Fromm,

se aos fanáticos nada mais restava que morrer na batalha sem esperança, os seguidores do cristo podiam sonhar com seu objetivo sem que a realidade lhes mostrasse imediatamente a desesperança de seus desejos. Colocando a fantasia em lugar da realidade, a mensagem cristã satisfazia as aspirações de esperança e vingança, e, embora deixasse de aliviar a fome, proporcionava uma satisfação fantasiosa de bastante significação para os oprimidos (1974, p. 44).

Para o autor, o cristianismo, a partir do século II, passa a ser dirigido pela classe dominante. Segundo Fromm, o fundamental é a inversão do dogma, de um homem que vira deus, passa a ser um filho de deus que desce a terra e isso derruba nas massas toda possibilidade de derrubada dos governantes, e diante desta situação as massas se submetem à autoridade destes. Contudo, as condições de miséria e exploração persistiam e o cristianismo controlou esses anseios com a finalidade de impedir revoltas na sociedade. Segundo Fromm,

era impossível o desaparecimento dos impulsos agressivos, que também não podiam ter diminuído, pois sua causa real, a opressão pelos governantes, não desaparecera nem diminuía. Onde estavam portanto? Foram desviados de seus objetivos anteriores- os pais, as autoridades- e dirigidos de novo para o individuo. A identificação com Jesus sofredor e crucificado oferecia uma excelente oportunidade para isso [...] A agressão original, dirigida contra o pai, passou a voltar-se contra o individuo, e com isso proporcionou um escoadouro inofensivo à estabilidade social (1974.60).

Assim o cristianismo lançou suas bases para ser uma religião auxiliar das classes dominantes no controle das massas em várias sociedades.

Embora exista um lapso de tempo muito grande, na moderna sociedade capitalista vemos esse fenômeno ganhar força. A ascensão do capitalismo e a chegada da burguesia ao poder foi marcada por lutas e revoluções, e o liberalismo, o iluminismo e outras ideologias burguesas prometiam uma libertação do indivíduo do pensamento religioso da sociedade medieval, e com isso contou com a colaboração do proletariado no processo revolucionário e implantou o estado burguês.

Contudo, como Marx alertou em suas obras, a promessa de liberdade era de fato uma nova forma de exploração, se na antiguidade existia o escravo, na sociedade medieval o servo, no capitalismo existe o trabalhador livre, mas que se vê obrigado a vender sua força de trabalho como única forma de sobreviver. Paralelamente, os ideais do iluminismo de emancipação humana que seria guiada pela razão, se transformaram numa razão instrumental a serviço da dominação como demonstrou Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*(2006).

Logo, a Igreja que era vista como representante de um passado retrógrado, não perdeu o prestígio visto que as massas alienadas não realizaram o que propunham os ideais do iluminismo. Neste ponto, a religião assume um papel de aliado da burguesia na manutenção da ordem dominante. Neste contexto, podemos falar no que Berger chamou reencantamento do mundo Segundo esse autor:

O mundo hoje é tão ferozmente religioso quanto antes. Ele afirma que a ideia de que a modernização levava ao declínio da religião estava errada, pois teve efeitos secularizantes e ao mesmo tempo provocou movimentos de contrassecularização. Seu argumento é que as instituições religiosas perderam o poder e influencia na sociedade, mas as crenças e práticas religiosas permaneceram presentes na vida das pessoas e se reorganizaram a partir dessas novas instituições (2012, p. 99-100).

É neste contexto de insegurança gerada pelo regime de acumulação integral que assistimos a ascensão de movimentos religiosos de caráter salvacionista como os evangélicos neopentecostais e a renovação carismática católica. Ambos se utilizam de um discurso salvacionista, com forte ênfase na luta espiritual contra o diabo – o inimigo imaginário a ser combatido e que causa todo mal. Segundo Sofiati (2012), o lado racional da fé cede lugar às vivências emocionais, e a militância é deslocada cada vez mais para a mística. Marx disse que a religião é tanto expressão como revolta da exploração, e como demonstramos, a religião tem um papel de fazer com que as massas aceitem uma condição de exploração sem se revoltar contra os governantes e nem de buscar uma transformação dessa realidade. A renovação carismática surgida em 1967

nos EUA, segundo Benigno Juantes (1994), declarando que Jesus Cristo é o salvador dando ênfase a aspectos mágicos nas celebrações.

A oração nos grupos carismáticos aparece com dimensões anteriormente não comuns aos católicos: é uma oração de louvor, não simplesmente de pedidos; é uma oração espontânea, não com fórmulas escritas (MIRANDA, 1993, p. 14).

Assim percebemos uma proximidade dos católicos carismáticos com os evangélicos neopentecostais, que enfatizam a luta espiritual contra o diabo e acredita que este é a origem de todos os problemas enfrentados pelo indivíduo na vida em sociedade. Logo o praticante dessa religião tende a se alienar da sociedade e principalmente se distancia de uma crítica à sociedade.

Muito se fala sobre a juventude, os governos, igrejas tem programas específicos para essa parte da população que está presente em todas as classes. Poderíamos debater a questão da juventude sem levar em conta a condição de classe? Pensamos que não, visto que os problemas que afetam a juventude lupemproletária– desemprego, a falta de escolarização - não são os mesmos que afetam um jovem burguês. Embora estejam na mesma sociedade, os problemas tem efeitos diferentes para cada classe. Contudo, percebemos algo que poderíamos considerar como geral em relação à juventude. Segundo Karl Mannheim:

A juventude é parte importante das reservas latentes que se acham presentes em toda sociedade. Dependerá dessa estrutura social que essas reservas(e quais delas, se as houver) sejam integradas e mobilizadas em uma função. O fator especial que torna o adolescente o elemento mais importante para a arrancada de uma sociedade é que ele não aceita como natural a ordem estabelecida nem possui interesses adquiridos de ordem econômica e social (1973, p. 53).

Assim, existe em nossa sociedade uma idealização da juventude do que sua característica real. Existem tendências no sentido da juventude ter o papel de renovar uma sociedade, mas isso depende das relações sociais, visto que ela ainda não tem a socialização do adulto, este que está integrado à sociedade. Segundo Rousselet(1974), a juventude tem a necessidade de se emancipar da infância para afirmar sua personalidade. Daí surge uma das características da juventude, isso é, a contestação da sociedade, embora esse fenômeno não seja dominante visto que os jovens oriundos da burguesia tem menos essa tendência. Desta forma observamos que os jovens, devido a não integração aos valores dominantes de uma sociedade, estão mais propensos a criticar a ordem vigente, como observamos na história como no maio de 1968 na

França, ou no fora Collor nos anos 90 no Brasil. Sofiati (2012) ao fazer uma breve história da juventude no Brasil, constata que da década de 1970 quando a juventude se engajava na luta contra a ditadura até os anos 2000 houve um processo de desmobilização desta em movimentos sociais que contestavam o sistema. Inicialmente poderíamos considerar como uma crise da juventude? Podemos entender que apenas acompanham as mudanças que ocorreram na sociedade, principalmente a implementação do regime de acumulação integral e suas consequências, como aumento do desemprego, insegurança em relação ao futuro, aumento da miséria e diminuição de gastos governamentais em áreas sociais, que reflete na sociedade como um todo. Diante desse quadro, assistimos prosperar as ideologias de autoajuda, com o discurso de que o fracasso é consequência da incapacidade do indivíduo em ser o ‘melhor’, e isso foi percebido pelas igrejas, visto que a teologia da prosperidade foi uma das bases do crescimento dos neopentecostais. Segundo Sofiati (2012), os jovens dos anos 2000 são socializados predominantemente nos movimentos religiosos. E quem são esses jovens? Segundo o autor

A pesquisa aponta para um percentual de 64% de jovens desempregados no Brasil, sendo que dos 36% que estão trabalhando 63% pertencem ao mercado informal (os assalariados sem registro são 37% desse montante) (2012, p. 39).

Neste caso fica evidente que os jovens oriundos da classe trabalhadora sem acesso à escola sem perspectivas de um futuro onde possam melhorar suas condições de vida se torna evidente. Neste contexto, a igreja gera uma ilusão para suportar essa situação, ao contrário que seria natural, ou seja, explodirem revoltas, protestos e reivindicações por melhores condições de vida. Muitos jovens agem e lutam contra a sociedade atual, porém os jovens que passam a viver a experiência religiosa se tornam domesticados. Segundo Sofiati,

ademanda pelo projeto de vida passa a ser ancorada no religioso, tornando-se parte de um projeto divino. A alternativa para um futuro sem projetos, para uma parte considerável dos jovens, é a possibilidade de sua realização numa outra vida, no além. Por isso, a ideia da secularização instantânea, diante da possibilidade de inclusão por meio do sagrado, torna as igrejas pentecostais e movimento carismático espaços potenciais de presença dos jovens, principalmente daqueles que possuem poucos recursos sociais, culturais e econômicos para superar a crise do futuro que se apresenta na sociedade contemporânea. (2012, p. 49).

Fica claro que a igreja adota um discurso conservador que em momento algum se preocupa com uma crítica social. Os jovens que frequentam esses movimentos tentem a ser individualistas e a não se interessar pelos movimentos sociais de contestação. Se essa revolta nasce de um indivíduo em formação numa sociedade que não é capaz de dar sentido à sua vida. Vemos que isso não é uma revolta sem causa e que a solução dada pela religião não vai alterar nada. Apenas fará o que Fromm (1974) constata: fazer com que aceitem passivamente sua condição de explorados.

Diante do que foi exposto, se faz necessário um movimento de contestação do sistema, visto que o neoliberalismo aprofunda as contradições e aumenta o fosso que separa ricos de pobres, tanto em condições como em perspectiva de vida. Faz-se necessário que movimentos que questionem o sistema, mesmo que estes não tenham um caráter revolucionário, pelo menos que possam fazer frente à ofensiva neoliberal. Contudo, esses movimentos esbarram nos limites da consciência da classe proletária, da classe média, limites estes ajudados pelas ideologias dominantes na sociedade. Sendo conhecida a função de contestação da juventude, como explicar passividade desta nos últimos anos? Se segundo Lapassade: “As manifestações da juventude tem um caráter deliberadamente destruidor; nenhuma procura de um proveito as motiva. Não se trata de aproveitar-se da sociedade, mas de a destruir” (FROMM, 1969, p. 257). Onde está esta juventude que vai transformar a sociedade? Vemos nessa perspectiva uma idealização da juventude, visto que não é apenas ela que sofre com as consequências da exploração na sociedade capitalista.

Percebemos que grande parte da juventude foi influenciada pelas ideias dominantes, inclusive as religiosas. Porém, permanece a questão: como socializar o jovem numa sociedade que cada vez mais se mostra incapaz de lhe proporcionar melhores condições de vida? Como fazer para humanizar o indivíduo e fazer que ele lute contra esta sociedade? E até quando essas ideologias conseguirão serem auxiliares importantes na manutenção da ordem social?

A história é feita por seres humanos concretos que podem ou não transformar o meio em que vivem. Isso não é uma lei, nem um exercício de futurologia. A Revolução Francesa ocorreu na convocação dos estados gerais para procurar saídas para a crise do estado absolutista e, diante das condições da época, eclodiu o processo revolucionário. Assim, vemos que existe um potencial reprimido na sociedade como um todo e isso pode gerar uma revolta, embora a burguesia com o auxílio da igreja entre outros meios

faça de tudo para que isso nunca ocorra. O exemplo do cristianismo primitivo, essa revolta pode se voltar contra a autoridade ou recuar, a história dirá.

Referências Bibliográficas

- BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- FROMM, Erich. *O Dogma de Cristo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- Juantes, B. *Que é a Renovação Carismática Católica*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- LAPASSADE, Georges. *A Entrada na Vida*. Lisboa: Edições 70, 1969.
- MANNHEIM, Karl. *Diagnóstico de Nosso Tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- MARIANO, R. *Expansão Pentecostal no Brasil: O Caso da Universal*. Estudos Avançados. 2004.
- MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MIRANDA, A. *O que é Preciso Saber Sobre a Renovação Carismática*. Aparecida SP: Editora Santuário, 1993.
- ROUSSELET, J. *A Alergia ao Trabalho*. Lisboa: Edições 70, 1974.
- SANTOS, André. *Renovação Carismática o Neopentecostalismo Católico?* Goiânia, V Congresso Internacional em Ciências da Religião, PUC-GO, 2011.
- SOFIATI, Flávio. *Religião e Juventude: Os Novos Carismáticos*. Aparecida: Ideias e Letras, 2012.
- VIANA, Nildo. *Estado, Democracia e Cidadania*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2003.
- _____. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. Aparecida: Idéias e Letras, 2009.

André de Melo Santos

Doutorando em ciências sociais pela
Universidade Federal de Goiás E-mail:
andrexmelo@uol.com.br